

O significado da educação sexual no contexto escolar: perspectiva de professores do ensino fundamental*

2

Maria Cristina Pinto de Jesus**
Selisvane Ribeiro da Fonseca***
Danielle Grillo Pacheco****

RESUMO

Trata-se de um estudo fenomenológico que teve como objetivo compreender o significado de ações educativas frente às questões sexuais, segundo a perspectiva de professores do ensino fundamental, de escolas públicas e privadas da cidade de Juiz de Fora-MG. Foi realizado no período de agosto de 2000 a julho de 2001, tendo como participantes 7 mulheres e 1 homem, com idades entre 26 e 50 anos, tempo de trabalho variando de 1 ano e meio a 31 anos e responsáveis pelas disciplinas de Ciências, Biologia, Português, Literatura, Filosofia e outras. Para a coleta dos dados, os sujeitos foram abordados, individualmente, por

* Trabalho de pesquisa realizado no Programa de Iniciação Científica da Universidade Federal de Juiz de Fora-MG – PIBIC/CNPq – BIC/CNPq – 200/2001.

** Enfermeira, Doutora do Departamento de Enfermagem Básica da Faculdade de Enfermagem da UFJF; orientadora do Programa de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq/UFJF – BIC/UFJF.

*** Aluna do Curso de Graduação em Enfermagem, bolsista no PIBIC/CNPq – Programa Interinstitucional de Bolsas de Iniciação Científica da UFJF.

**** Aluna do Curso de Graduação em Enfermagem, bolsista no BIC – Programa de Bolsas de Iniciação Científica da UFJF.

e-mail: petronib@enfermagem.ufjf.br selisvane@bol.com.br danipach@bol.com.br
Recebido em 22.08.01 Aprovado em 08.09.01

meio da entrevista fenomenológica, sendo utilizada a seguinte questão orientadora: **Como você implementa ações de educação sexual no ambiente escolar e o que você tem em vista ao realizar esse tipo de trabalho?** Através da análise dos depoimentos foi possível abstrair o significado da realização de ações educativas no ambiente escolar, conforme as categorias concretas: *Programa Escolar; Necessidade; Sexualidade e Dificuldade*. O estudo permite a reflexão sobre a importância das escolas promoverem a capacitação de seus professores que participam da formação de jovens para o exercício da cidadania, acerca do trabalho educativo em saúde, principalmente, relacionado à sexualidade.

Palavras-chave: Educação sexual; Saúde escolar; Sexualidade.

ABSTRACT

It is a phenomenological study that searched for the understanding of the meaning of educational actions considering the sexual questions, according to the perspective of the fundamental grades teachers of public and private schools in the city of Juiz de Fora – MG. It was accomplished between of August, 2000, and July, 2001, and involved 7 women and 1 man, with different ages from 26 to 50 years old, who had a work time varying from 1 and a half year to 31 years and were responsible for the disciplines of Sciences, Biology, Portuguese, Literature, Philosophy and others. For the data collection the teachers were approached, individually, through phenomenological interview. The guiding question was: How do you implement actions of sexual education in the school atmosphere and the one what you have in mind when accomplishing that kind of work? Through the analysis of the depositions, it was possible to abstract the meaning of the accomplishment of educational actions in the school atmosphere according to the concrete categories: School Programs; Need; Sexuality and Difficulty. The study allows a reflection about the importance of the teachers' training by the schools. They are citizens who participate of the youths' formation for the citizenship exercise, concerning the educational work in health, mainly, related to sexuality.

Key-words: Sexual education; School health; Sexuality.

INTRODUÇÃO

A educação sexual¹ como parte da educação geral das pessoas, vem se processando nos diferentes contextos sociais, segundo intenções diversas, tais como: morais, religiosas, higienistas e médicas e outras.

1. Educação sexual como um processo de socialização na qual a transmissão da cultura sexual, pelas pessoas às novas gerações, seja feita de modo a integrá-las no contexto cultural de seu grupo, instrumentalizando-as para a mudança, segundo seus próprios modos de pensar, sentir e agir. (CAVALCANTI, R. da C. A educação sexual no Brasil e na América Latina, in *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 4, n. 2, São Paulo, 1993:168).

Ao se falar em educação sexual, pensa-se na Escola, como instituição de ensino formal, para oferecer ao adolescente a oportunidade de receber informações detalhadas a respeito do assunto. Nunca é demais ressaltar que, ainda que a Escola desenvolva um excelente trabalho de educação sexual, ela não pode substituir os pais nessa tarefa.

Segundo WEREBE et al. (1981), quando a pessoa começa a receber a educação sexual sistemática realizada pela escola, ela já foi marcada pelas ações informais em situações da vida cotidiana familiar.

Nesse sentido CAVALCANTI, (1993:169) aponta a educação sexual como um conhecimento sobre sexualidade que leva à modificação de atitudes. Ao distinguir os tipos de educação sexual, o referido autor salienta a importância da educação assistemática ou informal, como aquela dada pela família, igreja e grupos sociais, já que pode levar as pessoas a ter um comportamento imitativo.

Segundo SILVA (1994:128), os programas de educação sexual nas escolas, até o início do século XX, restritos a poucas escolas mais ousadas, passaram a ser necessários como modo de *"preparar os jovens para uma sexualidade a ser praticada num clima socialmente mais favorável"*.

No Brasil, somente a partir das décadas de 70 e 80, a educação sexual começou a ganhar espaço formal nas escolas de 1ª e 2ª graus. O Parecer 2264/74 do CFE instituiu o ensino ligado à sexualidade como conteúdo do programa de Educação para a Saúde no ensino médio.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, a partir de 1997, vêm contemplar a Orientação Sexual² dentro da Escola, por meio de um trabalho sistematizado, com vistas à promoção da saúde das crianças e adolescentes *"e a realização de ações preventivas às doenças sexualmente transmissíveis / AIDS de forma mais eficaz... prevenção de problemas graves como o abuso sexual e a gravidez indesejada"* (BRASIL, 1997:114).

Na visão de MAIA et al. (1993:33), existem duas tendências a serem consideradas em relação ao tipo de educação sexual que deve ser passada ao adolescente. A primeira em que se

assume a postura sexualmente ativa do adolescente e o instrumentaliza para prevenir-se de gravidez indesejada e DST/AIDS. A outra tende para uma visualização holística da situação e facilita, para o adolescente, o entendimento das razões de seu comportamento e a introdução de noções de auto-estima, afeto e responsabilidade.

2. Orientação Sexual considerada como um mecanismo mais elaborado na qual o orientador, baseando-se em seus conhecimentos e experiências ajuda o orientando analisar as diferentes opções sobre as questões sexuais, objetivando levá-lo a descobrir os caminhos que deseja seguir. A orientação sexual pode ser feita pela escola e ser considerada parte da educação sexual, quando realizada de maneira contínua e duradoura (VITIELLO, N. A educação sexual necessária, in: *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 6, n. 1, São Paulo, 1995, p. 18).

Para BENITES (1999:127), a educação sexual

visa prestar informações adequadas e coerentes com os conceitos e definições atuais, dos educadores sexuais. Está voltada para a formação em que o indivíduo possa renovar, redefinir conceitos, concepções, rever posturas e atitudes preconceituosas, que envolvam a sexualidade humana e seu exercício.

Como afirma MOTA (1996:189-190), a orientação sexual na escola não deve servir para controlar problemas, mas para desfazer concepções errôneas, permitindo, "*às pessoas perceberem a sua sexualidade sem culpa (...), visando a sexualidade como legítimo prazer*".

Considerando que a sexualidade se manifesta em todas as fases da vida de maneiras diversas, e que constitui a essência de toda pessoa, torna-se cada vez mais necessária a implementação da educação sexual nas escolas.

Segundo FAGUNDES (1999:121),

A educação para a sexualidade deve considerar que para o indivíduo viver com plenitude no mundo que o cerca, é preciso estar sensibilizado para respeitar a si mesmo e aos outros, saber relacionar-se, ter responsabilidade, crer na vida e procurar vivê-la com prazer, conhecendo seus próprios direitos, inclusive o de ser feliz.

De acordo com BARCELOS et al. (1996:151), os educadores, em sua grande maioria, continuam tratando esse assunto apenas quanto aos aspectos biológicos ou, no máximo, convidam um palestrante médico para isso. Esses autores acreditam que o educador sexual deva ser uma pessoa que tenha consciência e segurança para lidar com as angústias, as confusões, os medos e conflitos sexuais gerados por múltiplas pressões familiares e sociais. Esse educador deve ser flexível, sensível, inspirar confiança e ser ágil para abrir espaço no qual o adolescente ou criança converse sobre os diferentes aspectos da sexualidade, mostrando neutralidade e evitando dizer o que está certo ou errado, já que cada família tem seus valores.

A despeito dos trabalhos que têm sido realizados em muitas escolas, o aspecto biológico da sexualidade ainda é priorizado ao se realizar ações de educação sexual na escola.

Especialistas na área sugerem a combinação de informações com a vivência ao realizar ações de educação sexual, tornando-a pessoal e individualizada, aumentando as chances de que informações acerca da sexualidade sejam significativas e possam ser integradas à vida do adolescente.

A literatura sobre a temática nos leva a questionamentos como: de que modo os professores do ensino fundamental de escolas públicas e privadas de Juiz de Fora estariam tratando as questões sexuais com adolescentes, na sala de aula? Quais têm sido as atitudes desses professores frente à temática?

Segundo SILVA (1994:135), mais do que um docente padrão, o educador sexual deve ser concebido como um profissional que atua no trinômio informação-formação-prevenção, adotando uma visão holística da sexualidade e não se limitando a informações acerca das questões biológicas, mas discutindo o comportamento sexual, a auto-estima, o afeto e responsabilidade.

Como afirma RIBEIRO (1999:126), “*o papel do professor é ser um ‘dinamizador de idéias’ muito mais que um ‘expositor de matéria’*”.

De um modo geral a educação sexual nas escolas fundamenta-se em pressupostos teóricos que deixam de considerar os aspectos não-mensuráveis do ser humano que, no entanto, estão presentes em seus atos, tais como, amar, perceber, imaginar, desejar.

O aprofundamento nas reflexões acerca das ações educativas em questões sexuais levou-nos a transpor o paradigma positivista, que trilha um caminho epistemológico, que trata mais dos fatos e objetos, para considerar as experiências vividas por educadores no que diz respeito à educação sexual.

Para tal, buscamos o pensar de Alfred Schütz, que se valeu dos pressupostos filosóficos da fenomenologia de Husserl e da sociologia compreensiva de Max Weber para elaborar a teoria da ação humana. Ao se mostrar um fenomenólogo do social, Schütz aponta para uma teoria “*capaz de propor uma linha de ação ao trabalho sociológico onde o centro não são os fatos, mas os fatos do sujeito, subjetivamente significativos*” (PANIZZA, 1980:137).

Embora Schütz não tenha se dedicado a sexualidade, sua visão fenomenológica aponta para a compreensão do homem em sua dimensão total, a partir do significado de suas ações.

Ao considerar a realidade social como sendo o mundo da vida cotidiana, Schütz diz que esse mundo é um mundo intersubjetivo e não um mundo isolado. Essa subjetividade, segundo o autor, é vivida considerando-se o conhecimento herdado de antecessores e originado de experiências pessoais nas interações.

A realidade estudada nos aponta a resistência por parte de alguns professores em discutir questões relacionadas à sexualidade, que muitas vezes se refere apenas ao biológico, deixando de lado a sua essência maior, ou seja, a relação com o outro, através da comunicação, dentro de uma ótica de respeito, liberdade, consciência e responsabilidade.

Como bem dizem BERGER e LUCKMANN (1994), se quisermos saber como se dá o conhecimento que dirige a conduta das pessoas na vida diária, é necessário começar pelo esclarecimento da realidade interpretada pelos homens e que é dotada de sentido para eles.

Com esse pensar, entendemos o homem no dia-a-dia, como centro da vida social, como pessoa que age e atribui um significado à sua ação, segundo sua situação biográfica na atitude natural (SCHÜTZ, 1962).

O estudo foi dirigido para educadores que, vivenciando situações de educação sexual, o fazem de modo consciente, intencional, com significado

próprio e que podem ser expressos em suas ações. Daí a interrogação: Qual o significado das ações educativas relativas a sexualidade no contexto escolar?

Assim, este estudo teve como objetivo **compreender o significado de ações educativas, no que diz respeito às questões sexuais, segundo a perspectiva de professores de escolas públicas e privadas da cidade de Juiz de Fora – MG.**

REFERENCIAL TEÓRICO – METODOLÓGICO

A Sociologia Fenomenológica de Alfred Schütz

Schütz analisa as estruturas do mundo da vida e tenta compreender o que há de essencial nessas estruturas. Assim, ele diz que o mundo social é campo de minha ação e de outras pessoas; é o mundo que me é dado desde o começo como um mundo organizado. Nesse mundo nasci e cresci e, mediante a aprendizagem e a educação, experiências e experimentos de todos os tipos, adquiro conhecimento sobre esse mundo e suas instituições.

O mundo é um campo de ação de todos nós. Assim, compreendo e sou compreendido; portanto, esse mundo é intersubjetivo, já que nele trabalho, realizo meus planos e posso aceitá-los ou modificá-los na medida em que tenham sentido para mim, à medida que os compreendo, que posso interpretá-los como elementos significativos para minha vida (SCHÜTZ, 1974).

Para o autor, o mundo é cultural e intersubjetivo porque vivemos nele como homens entre outros homens, influenciando e sendo influenciados, sendo esse mundo uma estrutura de sentido que podemos interpretar para orientarmos e conduzirmos nele. Temos consciência da historicidade da cultura que encontramos nas tradições e costumes.

Assim, para SCHÜTZ (1962), o meu conhecimento é baseado em minhas experiências e nos ensinamentos transmitidos por meus semelhantes significativos, sendo esse conhecimento estruturado em zonas de diversos graus de claridade, nitidez e precisão. Essa estrutura se origina num sistema de significatividade vigente, estando biograficamente determinado.

Segundo Schütz, minha situação é biográfica e meus propósitos e meus sistemas de significatividade originados no mundo vão diferir, pelo menos em certa medida, dos de meu semelhante.

Ao considerar o mundo de senso comum como campo de ação social, Schütz dedica-se a compreender o significado subjetivo dessa ação.

A ação constitui um comportamento consciente ou voluntário que é expresso sob a forma de projeto. Uma ação é consciente no sentido que, antes de realizá-la, temos em mente uma imagem do que vamos fazer (SCHÜTZ, 1972).

Para abordar a ação humana a sua interpretação de sentido comum na realidade social, faz-se necessária a análise de todo o sistema de projetos e motivos, de significatividade e construções consideradas. Tal análise remete necessariamente ao ponto de vista subjetivo, isto é, à interpretação da ação sob o ponto de vista do ator.

Trajétoria Metodológica

O estudo foi realizado no período de agosto de 2000 a julho de 2001, com professores do ensino fundamental de escolas públicas e privadas da cidade de Juiz de Fora – MG que aceitaram participar do mesmo.

Participaram da pesquisa 7 educadoras e 1 educador, com idades entre 26 e 50 anos, com tempo de trabalho variando de 1 ano e meio a 31 anos e responsáveis pelas disciplinas de Ciências, Biologia, Português, Literatura, Filosofia e outras.

Após o consentimento formal das escolas, foi explicado aos professores o objetivo da pesquisa e obtido o consentimento formal dos mesmos, através da assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido, segundo a Resolução 196/86, que regulamenta a realização de pesquisa com seres humanos.

Os professores foram abordados individualmente por meio da entrevista fenomenológica, momento em que as pesquisadoras, através da relação face a face com o sujeito participante, buscaram a interação social para compreender o significado de ações educativas em relação às questões sexuais no contexto escolar, sendo utilizada a seguinte questão orientadora: **Como você implementa ações de educação sexual no ambiente escolar e o que você tem em vista ao realizar esse tipo de trabalho?**

As entrevistas foram realizadas em sua maioria nas dependências das respectivas escolas em que trabalhavam os professores, em local restrito, sujeito a pouca interrupção.

Após cada encontro, as entrevistas foram imediatamente transcritas, conferindo-se a transcrição com a gravação e, a coleta foi encerrada no momento em que ficou evidente a repetitividade dos dados.

A partir das descrições das vivências dos professores, procedeu-se a análise do material, passando-se à constituição do típico da ação de educadores no dia-a-dia do ambiente escolar, na intersubjetividade da relação educador/educando frente às questões da sexualidade.

Foram elaborados os conceitos de segundo nível, categorias concretas, que, segundo Schütz, são constituídas a partir das construções dos sujeitos no mundo da vida.

Os dados foram interpretados à luz do referencial teórico – metodológico de Alfred Schütz e literaturas pertinentes à temática.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Buscando compreender o significado da realização de ações educativas, no que diz respeito às questões sexuais, segundo a perspectiva de professores de escolas públicas e privadas da cidade de Juiz de Fora-MG, utilizamos neste estudo a questão orientadora: Como você implementa ações de educação sexual no ambiente escolar e o que você tem em vista ao realizar esse tipo de trabalho?

A fenomenologia social, que tem como base a intencionalidade da ação, permitiu compreender o significado que é dado pelo educador às atividades de educação sexual, em sala de aula.

O professor, no mundo da vida cotidiana, mundo cultural, intersubjetivo e universo de significações, posiciona-se frente a seus problemas diários de modo espontâneo, dando por certa, sem questionamento, sua existência e a dos outros semelhantes, isto é, numa atitude natural.

O estudo permitiu buscar a significação que as ações vividas pelos atores no mundo da vida têm para eles próprios. A vivência de educadores na área de educação sexual origina-se no conhecimento que, na sua maioria, tem origem social e é transmitido de geração em geração por pessoas significativas, constituindo sua bagagem de conhecimentos.

Através da análise dos depoimentos de educadores do ensino fundamental, foi possível abstrair o significado da realização de ações educativas no ambiente escolar, apresentados nas categorias concretas: *Programa escolar; Necessidade; Sexualidade e Dificuldade*.

Categoria 1: Programa Escolar

Ao trabalhar a questão da educação sexual na sala de aula, a maioria dos professores refere realizar tal atividade, baseada, predominantemente, no conteúdo programático. Assim, a temática é abordada principalmente na 7ª série, através do estudo do corpo humano com enfoque no aspecto biológico.

A educação sexual que eu faço é baseada no conteúdo programático deles. A gente fala em reprodução, depois a gente fala em educação, fala em órgãos sexuais e fala em educação sexual. Mas é voltada mais para a linha didática. (Professor 2)

Bem, a primeira coisa, tem que estar relacionado com o programa da série. Então, na programação normal, 7ª série que trabalha com o corpo humano. Então vem a questão da sexualidade na 7ª série. Com relação à 5ª, 6ª e 8ª séries vem como mais ou menos um tema transversal (...) Então tento responder e orientar na medida que eles precisam. E na 7ª que é específico o conteúdo do corpo humano. (Professor 3)

O professor fica preso ao conteúdo programático, essencialmente no aspecto biológico e, muitas vezes, não incorpora temas que enfocam a sexualidade como um todo. Essa atitude pode estar ligada às deficiências de sua formação. Na maioria das vezes, o professor não teve a oportunidade de fazer uma reflexão mais aprofundada sobre as relações interpessoais e o enfoque biopsicossocial da sexualidade durante sua formação profissional.

A prática tem apontado o professor de ciências como aquele que, prioritariamente, realiza ações de educação sexual no ambiente escolar. Mesmo abordando o aspecto biológico, isso não garante que ele esteja preparado para trabalhar as questões mais abrangentes que envolvem a sexualidade.

De acordo com VITIELLO (1994: 210), “*não é obrigatório, como habitualmente se pensa, que o professor para fazer a educação sexual seja sempre o de biologia, que aliás está freqüentemente muito comprometido com os aspectos biológicos da sexualidade*”. Independente da formação do professor é importante que o mesmo tenha uma visão mais abrangente sobre o tema e que esteja atualizado e capacitado para discutir com os alunos os assuntos referentes às questões sexuais, sem impor valores e normas morais.

Para MEYER (s/d: 12) “*a prática de instruir crianças e adolescentes a adquirirem bons hábitos de saúde... com um forte componente moral e disciplinar*” entrou na escola a partir do movimento higienista, no início do século XX. E essa prática, muitas vezes, ainda é realizada nas escolas.

Ao se deparar com as necessidades de informações e esclarecimentos dos alunos, o professor utiliza o argumento de que sua função é a de transmitir conhecimentos científicos.

O meu trabalho é voltado mais para o lado científico. Então, quando eu trabalho o sistema reprodutor, eu alerto os meninos com relação à parte da sexualidade, porque é uma idade em que eles têm uma curiosidade muito grande com relação ao processo sexual, porque o que eles querem e eles esperam numa sala de aula é que se fale e mostre os mínimos detalhes de um ato sexual. (Professor 6)

(...) eu quero que eles encarem todos esses problemas de forma natural, que aprendam a minha matéria, ou seja, a parte biológica. E, nessa fase da vida deles, eles querem saber muito sobre sexo e eu acho eles muito imaturos, despreparados para lidarem com esses assuntos. (Professor 7)

(...) a minha preocupação, o meu objetivo é que eles aprendam a parte biológica da coisa. Mas que aprendam com naturalidade, para que possam encarar a sexualidade de forma natural. (Professor 7)

Embora alguns educadores apontem a necessidade de uma disciplina na escola que aborde a questão da educação sexual, especialistas como

VITIELLO (1994) ressaltam que não necessariamente a educação sexual deva constituir uma disciplina formal e enfatizam a importância de se proporcionar a todos os professores que atuam na formação de crianças e jovens a oportunidade de se preparar para a discussão da temática de modo a promoverem a participação dos alunos, sem fazer julgamentos do que seja certo ou errado no que diz respeito ao sexo.

Primeiramente, educação sexual não tem na escola. Não tem matéria de educação sexual. Mas como eu dou aula de ciências, entra a educação sexual na matéria de ciências. Eu aproveito o conteúdo e introduzo alguma coisa do interesse dos alunos. Então por exemplo: na 7ª série que a gente trabalha mais o corpo humano (...) E aí a gente vai trabalhando. E eu deixo livre. Muita coisa o aluno questiona e eu respondo com muita naturalidade porque a gente fala que é uma coisa natural, que eles não precisam ter isso como um tabu, como algo de ruim na vida deles. E eu trabalho de diversas formas. Trabalho através de leituras, cartazes, filmes, discussões em grupo. Trabalho sempre esclarecendo dúvidas (...) (Professor 7)

Ao abordarem as questões sexuais em sala de aula, os professores demonstram, através de suas falas, que a preocupação central tem sido a prevenção das doenças sexualmente transmissíveis, a gravidez na adolescência e a promiscuidade, conforme a fala do professor 6:

E o alerta nosso enquanto educadores é falar a respeito das doenças sexualmente transmissíveis, do perigo de uma gravidez na adolescência, quais são as causas de uma adolescente grávida aos 12, 13 ou 14 anos e as conseqüências que podem surgir; as doenças que estão aparecendo e que já eram transmissíveis de muitos e muitos anos, sendo propagadas pela promiscuidade (...) (Professor 6)

VITIELLO (1994:207), ao discutir a temática, ressalta que “a educação sexual, especificamente, deve ter o objetivo de promover a felicidade, preparando as pessoas para usarem de maneira responsável sua liberdade, sendo assim um agente de promoção da felicidade individual e coletiva”. Para o autor, a educação sexual não deve se manter ligada, predominantemente aos objetivos de prevenir as doenças sexualmente transmissíveis e gestações não planejadas, mas sim à promoção da felicidade das pessoas.

Ressalta, ainda, que se deve educar para uma liberdade sexual consciente e responsável, baseada no respeito para consigo e para com o outro. Agindo assim, as pessoas estarão conseqüentemente fazendo a prevenção de doenças e de gravidez não planejada.

SUPLICY et al. (1995:11) reafirmam que “*é função da escola contribuir para uma visão positiva da sexualidade, como fonte de prazer e realização do ser humano, assim como aumentar a consciência das responsabilidades*”.

Categoria 2: Necessidade

O educador tem consciência de sua importância nas ações de educação sexual e se refere à omissão da família frente às discussões das questões sexuais. Assim, é delegada à escola a responsabilidade da realização desse trabalho. O professor, muitas vezes, não planeja as ações de educação sexual e discute o assunto a partir de solicitações dos alunos. A forma tímida e limitada da abordagem do tema pela escola fica evidenciada nos depoimentos a seguir:

(...) a partir do momento em que iam surgindo os assuntos, como por exemplo assim,... os nomes... eu ia esclarecendo (...) partindo das vivências deles, do dia-a-dia deles. (...) O que se aprende como cultural, e o que é errado e o que é certo. Não tem o certo e o errado. Tem ali, a realidade. Partindo disso que era o meu trabalho. (Professor 1)

Quando surge esse tipo de assunto dentro de sala, aí eu paro a aula e respondo as questões que os alunos têm, ou tento responder, porque nem tudo a gente sabe na hora. (Professor 3)

Quero que eles tenham um esclarecimento, porque eu acho, eu tenho certeza que os pais não comentam (...) Antes eu falava o que minha mãe me ensinou, como por exemplo, isso não pode, é errado, é feio. Hoje eu consigo trabalhar isso com os alunos. (Professor 4)

(...) ano passado, quando eu falei sobre sexualidade na sala, por causa deste texto que a gente estava trabalhando, um aluno virou para mim e falou assim: que legal que você fala isso como a gente, porque em casa ninguém fala comigo. (Professor 5)

De acordo com BRUNS et al. (1995:62), a importância de se falar questões relativas à sexualidade nas escolas deve-se ao fato de que, na maioria das vezes, é na escola que o jovem entra em contato com outros valores e significados referentes às questões sexuais e tem a oportunidade de fazer o confronto e elaborar sua própria conduta. O autor ainda afirma que

(...) isto é importante porque a família esquivando-se dos assuntos e vivências sexuais dos jovens, acaba por não lhes oferecer uma orientação sexual que realmente os auxilie em suas

dúvidas e/ou dificuldades, delegando para a escola tarefas primordialmente suas..

Os educadores referem que os professores deveriam abordar a temática sexualidade em sala de aula de acordo com a necessidade manifestada pelos alunos, o que nos leva a pensar que essa atitude, pode conduzir a um silenciamento desse assunto, caso os alunos não manifestem dúvidas, por motivos de timidez, insegurança, medo de serem repreendidos e outros.

A proposta de trabalhar de forma integrada a educação e saúde na escola, ou seja, de modo transversal e não em momentos estanques e em horários previamente determinados, pode levar à reflexão na escola sobre a importância da educação em saúde.

Em pesquisa realizada por JESUS et al. (1997), na opinião de escolares adolescentes, embora a discussão de assuntos ligados à sexualidade, em sala de aula, seja pequena, o lugar apropriado para falar sobre o assunto é a escola, a despeito do constrangimento que pode gerar entre os colegas. Os adolescentes referem à importância da escola lançar mão de diferentes modos para discutir o assunto, tais como: pelo professor durante as aulas de ciências; em todas as disciplinas, sempre que houver oportunidade; por meio de palestras com especialistas em sexualidade, através de filmes, *slides*, dinâmicas de grupo, grupos de estudo, dramatizações, eventualmente, rotineiramente, no horário escolar ou em horário extra turno.

Categoria 3: Sexualidade

Os professores demonstram, através de suas falas, preocupação com a educação sexual no ambiente escolar e realizam as ações educativas tendo em vista preparar os alunos para exercerem uma sexualidade de forma saudável, consciente e reflexiva.

Que o aluno se eduque para exercer sua sexualidade com consciência. Sexualidade consciente. Que ele tenha..., eu não reprimo nunca, em nenhum momento eu reprimo palavras. (Professor 3)

(...) o meu objetivo é que eles tenham uma sexualidade boa, tranquila, pratiquem sexo com segurança, conhecendo o corpo e não tendo problemas maiores por falta de informação como, doenças, gravidez indesejada, repressões e traumas. (Professor 3)

O que eu espero é justamente, o alerta e a conscientização. Essa geração está muita perdida (...) Com toda divulgação de revistas, que eu acho que é muito deturpada, a forma como é mostrada a sexualidade. (Professor 6)

Conforme ALBURQUERQUE (1995:46), “a sexualidade é parte integrante de nosso ser total”, não sendo apenas expressão do nosso corpo

biológico. Para o autor, a sexualidade deve ser compreendida como “a expressão do ser que deseja, que escolhe, que ama, que se comunica com o mundo e com o outro”.

Dessa forma, ao exercer ações de educação sexual no contexto escolar, o professor deve ir além do aspecto biológico, com vistas a promover reflexão acerca da temática sexualidade, e desenvolver uma consciência crítica nos alunos, baseada em suas experiências do dia-a-dia.

(...) o que eu espero né, alcançar com eles é propor realmente reflexões. (...) Quero que eles vivam bem com a sexualidade. A minha preocupação não é deles saberem a parte biológica, porque isso a professora de ciências trabalha. O que eu busco é que eles pensem, reflitam sobre o tema. (Professor 8)

A minha questão não é de passar modelo, não é de estar mostrando normas, mas é de propor reflexões. Eu acho que eles é que têm que encontrar a partir dessa reflexão quais são os caminhos para a sexualidade deles. (Professor 8)

Os depoimentos dos professores apontam para a intenção dos mesmos em trabalhar a questão da sexualidade numa concepção mais ampla, envolvendo a valorização do indivíduo como um ser capaz de pensar e refletir, embora coloquem como dificuldade a necessidade de priorizar os conteúdos programáticos estabelecidos pela escola.

Os professores relatam algumas dificuldades encontradas no desenvolvimento das atividades de educação sexual em sala de aula, conforme a categoria a seguir:

Categoria 4: Dificuldade

Uma das dificuldades mencionadas pelos professores está relacionada à resistência da Escola em promover a discussão da temática sexualidade. Exemplificando, citamos os seguintes fragmentos de suas falas:

Olha, a escola se nega muitas vezes a trabalhar temas que gerem polêmicas tais como sexualidade. Por que não trabalhar? É um questionamento meu. (Professor 1)

(...) eu também tenho medo de me adiantar, porque você está numa escola, (...) e cada um tem uma cabeça. E a realidade que eles tem da sala de aula é uma e a que essas crianças têm em casa é outra. E a que elas têm na rua é outra.(...) Você tem que ter cuidado. (Professor 5)

Um outro dia eu tive que pedir permissão para a orientadora e chamei até outra professora e mostrei um texto que eu

queria trabalhar com a 6ª série, porque tinham dois palavrões no texto. (Professor 5)

(...) a escola a princípio tinha aquela resistência. Mas isso é normal. Tem medo da família, por ser uma escola particular. Sempre assim, uma das diretoras julgava que isto era função da família. A família que gosta de fazer isso. (Professor 8)

O professor se refere ao receio da direção da escola quanto à aprovação ou não dos pais sobre a abordagem da sexualidade. Estando diretamente relacionado a valores, crenças e princípios morais, o tema sexualidade gera apreensão e incertezas por parte dos professores, quanto à receptividade e participação dos alunos e familiares nas ações educativas.

É importante salientar que a educação sexual constitui parte relevante da educação em saúde, que, por sua vez precisa estar articulada ao contexto educação/saúde/cidadania. De acordo com MEYER (s/d:11)

o ensino de saúde nas escolas, em suas diferentes vertentes teóricas e políticas, foi sempre apresentado como uma instância que deveria ter como objetivo capacitar os/as estudantes a tomarem decisões certas para viverem vidas saudáveis e serem multiplicadores destas decisões em suas famílias e comunidade.

Temos que refletir sobre a seguinte questão: o adolescente de hoje poderá estar numa sala de aula amanhã na função de orientador e não mais como aluno. É melhor que ele esteja preparado para ser um multiplicador de boas experiências.

Outra dificuldade mencionada pelos educadores diz respeito ao próprio despreparo para tratar as questões sexuais.

(...) eu gostaria de fazer parte de grupo de estudos sobre sexualidade. Eu tenho vontade porque é um assunto que a gente acha que está bem informada... (Professor 2)

Antes eu falava o que minha mãe me ensinou, como por exemplo, isso não pode, é errado, é feio. (Professor 4)

E uma dificuldade que eu percebo é que o que a escola conseguiu assumir até agora, foi a questão de dar nome aos órgãos, como que se engravida, essa coisa assim mais biológica. Mas a questão da orientação sexual, da afetividade, do emocional, que tem que envolver isso aí, ninguém assumiu, não teve coragem de fazer isso. Então eu acho que isso é que é preciso. (Professor 8)

Considerando as dificuldades para o preparo do professor para a abordagem do assunto sexualidade, torna-se necessário que o mesmo se posicione com firmeza diante das demandas informativas que certamente terá que enfrentar ao estar frente aos alunos na sala de aula.

De acordo com FERNÁNDEZ (1996) o educador precisa, primeiramente, estar disposto a responder aos questionamentos dos alunos acerca da sexualidade. Mesmo sabendo que não está preparado, é preciso demonstrar essa situação para o aluno de modo sereno e sugerir a busca de leituras, conversas com especialistas, familiares e outros modos de aprendizagem do conteúdo. O silêncio pode provocar a sensação de que o assunto é proibido, negativo e as atitudes repressivas poderão reforçar as condutas sexuais inadequadas.

Ao realizar ações educativas na área da sexualidade, o educador necessita mais do que os conhecimentos científicos a respeito do tema. De acordo com (VITIELLO, 1995), para atuar junto aos alunos, o educador sexual deverá ter os seguintes atributos: estar satisfeito com sua própria sexualidade; ter coragem para desafiar seus próprios tabus e preconceitos acerca do tema, reconhecendo suas próprias falhas; ter facilidade para comunicar-se com os jovens, ter abertura intelectual, moral e afetiva para não se sentir no direito de fazer julgamentos sobre o que é certo ou errado; ter tolerância para com a opção sexual do outro e ter conhecimentos adequados sobre os diversos aspectos da sexualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pensarmos na escola como um contexto social, responsável pela formação do aluno como ser biopsicossocial, fica evidente a importância de se trabalhar as questões relativas à sexualidade nesse ambiente.

Neste estudo tivemos a preocupação de direcionar o olhar para o significado atribuído pelos professores à ação de educar para o exercício da sexualidade, no cotidiano da vida escolar; afinal, são eles os responsáveis pela efetiva realização dessas ações em sala de aula, principalmente no que diz respeito à possibilidade de estabelecer uma relação de confiança e de interação com os alunos a fim de favorecer a maior abertura dos mesmos para discussões acerca da temática.

Ficou evidenciada, através das falas dos professores, a preocupação com o conteúdo programático, voltado predominantemente para a abordagem da sexualidade sob a visão biológica. Assim, os professores referem trabalhar a temática principalmente na 7ª série, na disciplina de ciências. Nas demais séries o assunto é abordado quando surgem questionamentos e dúvidas por parte dos alunos, conforme a categoria *Programa escolar*.

Mesmo prevalecendo o trabalho realizado pelo professor da área de ciências, dentre os professores do estudo aparecem aqueles que demonstram preocupação com a sexualidade de uma forma mais abrangente, e não somente no aspecto biológico.

Os educadores referem trabalhar o assunto através das solicitações dos alunos, esclarecendo dúvidas, mas sem aprofundar a questão, segundo a

categoria *Necessidade*. Os assuntos são trabalhados predominantemente com professores da área de ciências e biologia e, os demais professores, apesar de expressarem a importância de se abordar as questões sexuais em sala de aula, acabam deixando em segundo plano esta abordagem, já que esperam a iniciativa dos alunos para promover a discussão. Assim consideramos de fundamental relevância que essa temática seja discutida a partir da realidade dos alunos, porém essas atividades deveriam ser planejadas de modo a abordar, cotidianamente, o assunto que, a todo o momento, é de grande importância para o aluno.

É importante considerar que esse é um tema que o aluno deseja discutir em sala de aula. JESUS et al. (1997) em seu estudo sobre a educação sexual realizada na família e na escola, ao analisar a participação da escola na educação sexual sob o ponto de vista dos adolescentes, constatou que os mesmos consideram a escola o local apropriado para a discussão das questões sexuais.

A despeito de trabalharem vinculados aos programas curriculares, principalmente nas disciplinas de ciências, os professores estão conscientes da importância de tratar a sexualidade de um modo mais abrangente, considerando os aspectos sociológicos, econômicos, políticos, históricos e religiosos. Se implementarem ações educativas na área sexual com este enfoque, poderão atender as expectativas dos alunos frente às questões da sexualidade que vão além do aspecto biológico, conforme descrito na categoria *Sexualidade*.

Embora os educadores considerem relevante a discussão do tema em sala de aula, eles apontam dificuldades para realizar tais ações, que vão desde as questões institucionais, como o receio da Escola acerca do conflito entre os valores familiares e os conceitos discutidos no espaço escolar, até as dificuldades pessoais, que envolvem o educador, no que diz respeito ao modo de vivenciar a própria sexualidade e a reflexão dos próprios valores e preconceitos. Essas questões apontadas na categoria *Dificuldade* indicam a falta de preparo dos mesmos para planejar e implementar as ações educativas na área da sexualidade.

O estudo permite a reflexão sobre a necessidade das escolas promoverem a capacitação de seus professores, cidadãos que participam da formação de jovens para o exercício da cidadania, acerca do trabalho educativo em saúde, principalmente, relacionado à sexualidade.

Embora a educação sexual realizada pela escola seja uma educação formal, cuja intencionalidade é dirigida mais especificamente para os aspectos científicos da sexualidade, ela constitui parte relevante da educação geral dos jovens e poderá ser mais efetiva e significativa se tiver como centro a discussão do amor, do prazer e não se limitar apenas às normas higienistas, proibitivas e de inibição dos impulsos sexuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, M. C. Dos S. de. *Sexualidade Humana: o despedir-se de uma visão puramente mentalista através do novo paradigma da corporeidade viva*. Revista Brasileira de Sexualidade Humana, v. 6, n. 1. São Paulo: Iglu, 1995, p.45-50.
- BARCELOS, N. N. S. et al. *Educação sexual: relato de uma experiência*. Revista Brasileira de Sexualidade Humana, v. 7, Ed. Especial, n. 2. São Paulo: Iglu, 1996, p. 150-160.
- BARROSO, C.; BRUSCHINI, C. *Educação Sexual*. Debate aberto. Petrópolis: Vozes, 1982, p. 132.
- BENITES, M. J. de O. Educação sexual e profissionais do sexo. In: *Anais e temas livres*. VII Congresso Brasileiro de Sexualidade Humana. Rio de Janeiro, 1999.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. *A Construção do social da Realidade*. Tratado de sociologia do conhecimento. 11ª ed. Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 247.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares Nacionais: Pluralidade cultural e orientação sexual*. Brasília, 1997.
- BRUNS, M.A. de T.; GRASSI, M.V.F.C.; FRANÇA, C. *Educação Sexual numa visão mais abrangente*. Revista Brasileira Sexualidade Humana, v. 6, n. 1. São Paulo: Iglu, 1995, p. 60-66.
- CAVALCANTI, R. da C. *Educação Sexual no Brasil e na América Latina*. Revista Brasileira de Sexualidade Humana, v. 4, n. 2. São Paulo: Iglu, 1993, p. 164-173.
- FAGUNDES, T.C.P.C. Experiências em educação sexual na escola. In: *Anais e temas livres*. VII Congresso Brasileiro de Sexualidade Humana, Rio de Janeiro, 1999.
- FERNÁNDEZ, J.L.G. *Guía Práctica de información sexual para el educador*. 3ª ed. Pamplona, España: Edição do autor, 1996.
- JESUS, M.C.P. de. *O significado da educação sexual na vida cotidiana de pais e adolescentes: uma abordagem compreensiva da ação social*. São Paulo, 1998. Tese (Doutorado) Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, 218 p.
- JESUS, M. C. P. de; TEMER, V. P.; SILVA, M. A. da. *A educação sexual realizada na família e na escola: a opinião de escolares adolescentes*. Revista Brasileira de Sexualidade Humana, v. 8, n. 1. São Paulo: Iglu, 1997, p. 133-163.
- MAIA, M. B. et al. *A (In) formação sexual do adolescente: uma proposta*. Revista Brasileira de Sexualidade Humana, v. 4, n. 1. São Paulo: Iglu, 1993, p. 31-36.
- MARTINS, J. & BICUDO, M. A. V. *Estudos sobre existencialismo, fenomenologia e educação*. São Paulo: Moraes, 1983.
- MEYER, D. E. Educação em saúde na escola: transversalidade ou silenciamento. In: *Cadernos de Educação Básica*, s/d.
- MOTA, M.V.S. *A sexualidade silenciada na escola: implicações da orientação sexual subjacente no cotidiano escolar*. Revista Brasileira de Sexualidade Humana, v. 7, Ed. Especial, n. 2. São Paulo: Iglu, 1996, p. 181-190.
- PANIZZA, L. *Da Sociologia compreensiva de Max Weber à sociologia fenomenológica de Alfred Schütz*. Rio de Janeiro, 1980. Dissertação (Mestrado) Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 144 p.

- RIBEIRO, M. Educação Sexual na Escola: Capacitação de Professores. In: *Anais e temas livres*. VII Congresso Brasileiro de Sexualidade Humana, Rio de Janeiro, 1999.
- SCHÜTZ, A. *El Problema de la realidad social*. Compilador Maurice Natanson. Trad. Nestor Miquez. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1962.
- . *Fenomenologia del mundo social-Introducción a la sociologia comprensiva- Introducción George Walsh*. Trad. Eduardo J. Prieto. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1972.
- . *Estudios sobre teoria social*. Compilador Arvid Brodersen. Trad. Néstor Miquez. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1974.
- SILVA, A. C. *Mestrado em Sexologia: um passo a mais no ideal da interdisciplinaridade*. Revista Brasileira de Sexualidade Humana, v. 5, n. 2. São Paulo: Iglu, 1994, p. 125-137.
- SUPLICY, M.; EGYPTO, A. C.; BRANCO, C. C.; GONÇALVES, E. V.; MENOCCHI, D. T.; SILVA, R. de C. e SAYÃO, Y.; SILVA, M. R. da; BOCK, S. D.; SILVA, M. C. P. da. *Sexo se aprende na escola*. São Paulo: Olho D'água, 1995.
- VITIELLO, N. *O que é normal em sexualidade*. Revista Brasileira de Sexualidade Humana, v. 7, n. 2. São Paulo: Iglu, 1996, p. 153-156.
- . *A educação sexual necessária*. Revista Brasileira de Sexualidade Humana, v. 6, n. 1. São Paulo: Iglu, 1995, p. 18.
- . *Reprodução e sexualidade: um manual para educadores*. São Paulo: Centro de Ensino e Investigação em Comportamento Humano, 1994.
- WEREBE, M. J. et al. *Educação Sexual: instrumento de democratização ou de repressão?* Caderno de Pesquisa. Temas em debate, v. 36, n. 36, 1981.